



INSTITUTO FEDERAL
DO RIO GRANDE DO NORTE
Campus Ceará-mirim



(Re)conhecer para Combater

O racismo e a violência racial na escola





INSTITUTO FEDERAL
DO RIO GRANDE DO NORTE
Campus Ceará-mirim



EQUIPE RESPONSÁVEL

Jessica do Nascimento Vicente, Aluna IFRN/CM, autora
Fernanda Moura, Professora IFRN/SPP, supervisora
Luiz Paulo Medeiros Professor IFRN/CM, supervisor

A autora é responsável pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos nesta publicação e pelas opiniões aqui expressas, que não são necessariamente as do IFRN e não comprometem a Organização. As designações empregadas e a apresentação do material não implicam a expressão de qualquer opinião que seja, por parte do IFRN, no que diz respeito ao status legal de qualquer país, território, cidade ou área, ou de suas autoridades, ou no que diz respeito à delimitação de suas fronteiras ou de seus limites.

SUMÁRIO:

PRÊMBULO	-----	PÁG. 04
O QUE É RACISMO?	-----	PÁG. 05
COMO O RACISMO SE MANIFESTA?	-----	PÁG. 11
QUEM SOFRE RACISMO NO BRASIL?	-----	PÁG. 19
COMO IDENTIFICAR O RACISMO NA ESCOLA	-----	PÁG. 23
O QUE FAZER EM UM CASO DE RACISMO	-----	PÁG. 29
SOBRE A AUTORA	-----	PÁG. 31
AGRADECIMENTOS	-----	PÁG. 32
REFERÊNCIAS	-----	PÁG. 33

PRÊMBULO

O propósito desta cartilha é **despertar consciência e oferecer esclarecimento** acerca de uma questão profundamente enraizada em nossa história social, frequentemente ignorada e silenciada.

O racismo permeia as estruturas da nossa sociedade, sendo uma questão de complexidade inegável. Reconhecemos que sua erradicação não ocorrerá de maneira imediata, mas acreditamos firmemente que a educação representa um dos caminhos essenciais na luta por um mundo mais justo. Identificar o problema é o primeiro passo crucial para enfrentá-lo e combatê-lo de maneira efetiva.

A violência racial nas escolas é uma manifestação comum do racismo em nossa sociedade, contudo, com frequência, é subestimada quanto ao seu impacto prejudicial sobre as vítimas, além de muitas vezes ser confundido com bullying, dificultando o alcance da causa do problema. Em muitos casos, a falta de conhecimento sobre a questão étnico-racial bem como a falta de mobilização para adotar medidas também podem dificultar que se possa fazer a identificação adequada do fator gerador de tal violência.

Com esta cartilha visamos contribuir para a construção de um ambiente escolar cada vez mais igualitário e justo, trazendo informações que possam ajudar na conscientização do racismo, na identificação de violências étnico-raciais, além de sugerir medidas que as vítimas possam tomar mediante a esses casos.

Damos início a esta trajetória, unindo nossas forças no compromisso de juntos estabelecer ambientes escolares seguros e receptivos. Aqui, celebramos a diversidade, amplificamos as vozes e unimos nossos corações na edificação de um amanhã marcado pela justiça e empatia para cada ser humano.

Boa leitura!

Atenciosamente, a autora



O QUE É RACISMO?

“É uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.”

Trecho do livro: “Racismo estrutural - Silvio Luiz de Almeida”



De maneira simplificada, o racismo ocorre quando as pessoas são tratadas de maneiras diferentes (seja para receber benefícios ou negação de seus direitos, por exemplo) por causa de seus traços fenotípicos (como a cor da pele, a textura do cabelo, o formato do nariz) ou por sua etnia (sua nacionalidade, afiliação tribal, religião, língua e as tradições de um determinado grupo). Isso pode acontecer de modo proposital ou não, mas acaba prejudicando alguns grupos, como por exemplo negros e indígenas, e beneficiando outros, como a população branca.

Fonte: Pedro Leite, "Quadrinhos ácidos" Volume I



Figura 1.1 - Tirinha “Racismo sem querer” por Pedro Leite, demonstra situações cotidianas de manifestações do racismo, sendo apresentado de forma a parecer “inofensivo”.

Vale salientar que neste contexto, **o termo raça não está sendo usado para reforçar a ideia de que existem diversas raças humanas**. Houve um período da história da humanidade em que existiram tentativas de usar a biologia para provar a existência de diversas raças humanas e justificar diversas discriminações, segregações e violências raciais. Não sendo possível comprovar tal questão, usamos hoje a raça dentro da Ciências Sociais, e não uma visão biológica e o que isso significa. Todas as pessoas pertencem à mesma espécie humana e as variações genéticas entre indivíduos são mínimas, não justificando as divisões raciais historicamente construídas com o objetivo de segregação e hierarquização social.

O uso do termo "raça" para descrever pessoas acabou tendo um impacto negativo ao longo da história. Esse conceito foi inicialmente usado em estudos de plantas e animais e depois aplicado às pessoas para justificar o controle e a dominação de um grupo sobre outro, mesmo sem existirem diferenças físicas e biológicas significativas entre os indivíduos desses grupos.

Nestes períodos, a diversidade não foi classificada como uma seleção do ambiente, como pode acontecer com a cor da pele e o formato dos olhos, que são adaptações a diferentes condições climáticas e geográficas. Por exemplo, a pele mais escura é uma adaptação evolutiva para proteger contra a intensidade do sol em regiões equatoriais, enquanto olhos com formatos que parecem mais "fechados" podem ser uma resposta adaptativa às condições de ventos fortes e frio extremo em regiões como a Ásia Central.

Segundo os antropólogos do século XVIII, a diversidade humana foi interpretada como se refletisse as características culturais das muitas populações do planeta. Por exemplo, os traços europeus eram considerados "superiores, equilibrados, bonitos" e eram o reflexo externo da "inteligência e educação" que caracterizavam todos os europeus. Já os traços africanos eram considerados "primitivos e pouco atraentes", símbolo de uma população "ignorante e incivilizada", assim como também os indígenas, por exemplo. Essa visão distorcida e problemática contribuiu para a justificativa de práticas de discriminação e exploração baseadas em conceitos raciais infundados.

Nesta cartilha, falaremos de raça como uma maneira utilizada pela sociedade para enxergar e classificar pessoas com base em sua origem étnica ou características que podem ser visualizadas, como a textura do cabelo, o formato do rosto, do nariz e boca, a cor da pele e entre outras, aqui estamos falando de raça como um marcador social, como uma construção da sociedade, uma maneira de categorizar as pessoas com base em fatores históricos, culturais e sociais, e não em diferenças biológicas reais que possam diferir raças dentro da espécie humana. É importante destacar que todas as pessoas pertencem a uma única raça, a raça humana (*homo sapiens*), e que as diferenças que observamos não devem ser usadas para justificar tratamentos desiguais e injustiças.

Além disso, o racismo tende a ser direcionado a grupos socialmente considerados inferiores e historicamente em desvantagem. Isso pode se manifestar de diversas formas, como a negação de oportunidades de emprego, acesso limitado a serviços básicos como saúde e educação, e tratamento desigual perante a lei. Por exemplo: a discriminação racial pode refletir na seleção de candidatos para uma vaga de emprego, onde indivíduos de determinada etnia são preteridos em favor de outros, mesmo possuindo qualificações semelhantes. Veja na imagem 2.2 um caso recente que pode exemplificar essas situações do racismo em empresas.

Fonte: Instagram @asnegasdoziriguidumoficial

Muitas vezes essa questão pode tentar ser justificada com o argumento de que há um “perfil da loja”, que acaba se tornando uma maneira de dizer que aquela empresa possui uma preferência por pessoas brancas, magras de cabelo liso e traços finos, porque estão determinando que esses são traços são superiores a outros.



Figura 1.2 - caso de racismo institucional.



É fundamental reconhecer que o racismo não se limita a atos explícitos de ódio ou discriminação, mas também inclui formas mais sutis e enraizadas na sociedade, bem como suas consequências profundas para os grupos que foram e são racialmente marginalizados pela sociedade.

COMO O RACISMO SE MANIFESTA?

O racismo se manifesta de muitas formas, devido ao fato de ser um sistema enraizado na estrutura da nossa sociedade, podendo aparecer de maneira explícita ou de maneira sutil, muitas vezes até disfarçada de humor. **Por ser algo socialmente estrutural, o racismo está onde a sociedade está.**



Ao examinar exemplos concretos, podemos explorar essas distintas formas de racismo e reconhecê-las em situações cotidianas sejam elas explícitas ou sutis, afetando as vítimas de diversas formas, sendo desde insultos até exclusão social, com base na cor da pele e outras características associadas a minorias étnico-raciais:

- Comparar uma pessoa a um animal, como forma de desumanização da pessoa, devido a cor da pele não ser branca;
- Comparar um tipo de textura de cabelo crespo com lâs de aço (“bombril”);
- Expectativa baixa ou preconceituosa por parte de professores, que podem, inconscientemente, esperar menos desses alunos ou não oferecer o mesmo apoio acadêmico que oferecem a outros.

Fonte: tumblr [@tirasarmandinho](#)



Figura 2.1 - Tirinha que combate o racismo recreativo.

Estudantes indígenas também enfrentam uma série de desafios no ambiente escolar. Eles podem ser alvo de comentários ou piadas que desrespeitam suas culturas e tradições. Muitas vezes, enfrentam a invisibilização de suas histórias e contribuições nos currículos escolares, o que reforça um sentimento de exclusão. Além disso, a falta de compreensão sobre as práticas culturais indígenas pode levar a discriminação, como quando um aluno indígena é criticado por usar trajes tradicionais ou por seguir costumes específicos de sua comunidade.

Essas situações muito comuns exemplificam a realidade diária de muitas pessoas não brancas. Mesmo quando o racismo é evidente, ele é frequentemente minimizado como "inofensivo" ou "brincadeira", contribuindo para o desprezo pelos traços das pessoas não brancas e afetando permanentemente as vítimas. Esse não reconhecimento de tais ações como racismo dificulta a resolução desse problema, porque pressupõe que ele não existe.

Apesar dessas manifestações implícitas, como antes dito, o racismo também pode ocorrer através de atos explícitos de ódio/desprezo à alguém que pertence a grupos considerados minoritários, muitas vezes utilizando-se de traços fenotípicos para invalidar e/ou humilhar. Vejamos um caso que muito repercutiu nas redes sociais no ano de 2023:



Vinícius Jr, jogador de futebol preto e brasileiro do Real Madrid, enfrenta episódios de racismo na Espanha há pelo menos duas temporadas. A situação se agravou em 21/05/23, durante uma partida contra o Valencia, quando foi chamado de "macaco" por torcedores adversários em um jogo da LaLiga.

Em comunicado oficial, a entidade responsável pelo Campeonato Espanhol afirmou estar ativa no combate ao racismo direcionado a Vinicius Jr. e relatou ter apresentado denúncias em nove ocasiões em que o jogador brasileiro foi vítima desses abusos. No entanto, o próprio jogador, em um confronto com o presidente da LaLiga, discorda veementemente dessa posição.

Na véspera de um clássico contra o Atlético de Madrid, em 26 de setembro, Vinícius Jr. foi criticado em um programa de TV bastante popular na Espanha por suas celebrações de gol, sendo alvo de comentários discriminatórios. Um dos participantes chegou a fazer uma declaração ofensiva, dizendo "pare de fazer macaquices".

Esse incidente deu origem ao movimento "Baila, Vini", que recebeu apoio de várias estrelas do futebol mundial, demonstrando solidariedade ao jogador brasileiro.

Fonte: site do jornal Folha de São Paulo



Figura 2.2 - Fotografia do Jogador Vinícius Jr. no jogo em que o mesmo foi vítima de racismo

"Os racistas seguem indo aos estádios e assistindo ao maior clube do mundo de perto e a LaLiga segue sem fazer nada... Seguirei de cabeça erguida e comemorando as minhas vitórias e do Madrid. No final a culpa é MINHA." Reclamou Vini.

Um outro caso de manifestação de racismo na nossa sociedade, desta vez de maneira internacional, é por exemplo associar a imagem de mulçumanos a terroristas.

Uma pesquisa da Associação Francesa de Vítimas do Terrorismo concluiu em seu congresso este ano em Niza, na França, que 80% das vítimas de terrorismo no mundo são muçulmanas. Os EUA são onde mais se constroem **estereótipos negativos** sobre os muçulmanos. É uma política da Casa Branca insinuar por exemplo:

Fonte: Imagens do canva (adaptado)



Figura 2.3 - Desenho de pessoa muçulmana lendo comentários racistas na internet.

O que costumavam dizer também sobre os indígenas que habitavam a América do Norte antes da chegada dos colonizadores e sobre os negros para tentar justificar a escravidão.

No Reino Unido, as afirmações islamofóbicas feitas pelo primeiro-ministro Boris Johnson, referindo-se às mulheres muçulmanas que usam burcas ou niqabes como parecendo "assaltantes de banco", levaram a um aumento de 375% na islamofobia e em ações islamofóbicas. Quando Sadiq Khan, que era muçulmano, assumiu um cargo público, teve que ser acompanhado por escolta policial o tempo todo devido a várias ameaças islamofóbicas que recebeu.

Apesar das variações entre países e entendimentos, como diferenças nas leis, nas normas culturais, e nos métodos de classificação e reconhecimento dos tipos de violência, há um consenso sobre a importância de não limitar a atenção apenas à violência física. Isso porque outros tipos de violência, como a psicológica, sexual e emocional, também podem ser igualmente traumáticos e graves. Essa ampla visão ajuda a proteger melhor as vítimas e a responder de maneira mais eficaz aos diversos impactos que a violência pode ter na vida das pessoas.

Uma outra questão que exemplifica a manifestação do racismo é o fato de existirem índices menores de formação acadêmica e com isso menos ascensão a cargos altos, para negros e indígenas.

Fonte: notícia publicada no site G1

The screenshot shows a news article from the website g1.globo.com. The top navigation bar includes 'MENU', the 'g1' logo, 'ECONOMIA' (Economy), and a search bar labeled 'BUSCAR'. The main headline reads: 'Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação' (Whites are the majority in elite jobs and blacks occupy positions without qualification). Below the headline is a small explanatory text: 'Levantamento do G1 com base em dados do Ministério do Trabalho mostra quais as ocupações mais frequentes para profissionais brancos e negros.' (Survey by G1 based on data from the Ministry of Labor shows which are the most frequent occupations for white and black professionals.)

Figura 2.4 - Notícia do site G1 sobre pesquisa do Ministério do Trabalho.

Uma pesquisa realizada pelo G1 com base em dados provenientes de dados oficiais do Ministério do Trabalho e Emprego, revelou que no Brasil é, em sua maioria, a população negra quem ocupa a maioria das vagas em serviços braçais ou que exigem pouco preparo como operador de telemarketing, vigilante e cortador de cana-de-açúcar. Enquanto isso, nas profissões que exigem mais qualificação como engenheiro de computação e professor de medicina, a maioria das pessoas que ocupam estes cargos são pessoas brancas.

Tudo isso é consequência de um abismo social que segregava grupos menos favorecidos das mesmas oportunidades de educação e qualificações que a maioria da população branca, e consequentemente afastando-os das oportunidades de ascensão profissional e social. Observe este infográfico abaixo:

Fonte: notícia publicada no site G1

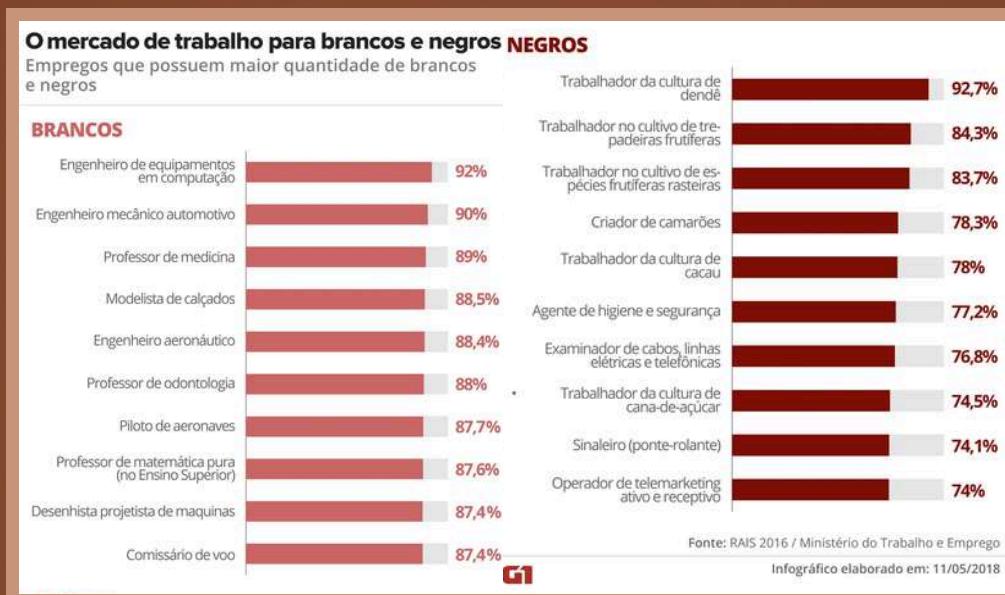


Figura 2.5 - infográfico de pesquisa feita pelo Ministério do Trabalho e Emprego que descreve em porcentagem empregos que possuem maior quantidade de brancos e negros.

O que explica essa situação, diz Guillermo Etkin, coordenador da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI-BA), “são basicamente dois aspectos: a escolaridade e a colocação [precoce] no mercado de trabalho, já que negros começam a trabalhar mais cedo, o que afeta na escolaridade”.

“A população negra possui os piores indicadores sociais, os menores índices de escolarização, de rendimentos e de acesso a bens e serviços, assim como os maiores índices de mortalidade precoce, quando comparados com a população branca. Esses dados do MTE apontam para uma das faces da desigualdade social brasileira: a divisão racial do trabalho altamente resiliente”, afirma o pesquisador Antônio Teixeira, coordenador de gênero, raça e estudos geracionais do Ipea.



O racismo não se limita ao Brasil, nem mesmo às pessoas pretas. Em determinados lugares, as vítimas de racismo podem ser diferentes do que em outros lugares, como no caso dos muçulmanos que sofrem racismo por questões étnicas em lugares como EUA e Reino Unido.

QUEM SOFRE RACISMO NO BRASIL?

“A avaliação de que pessoas **pretas** são as que mais sofrem com o racismo é quase unanimidade entre os brasileiros, já que nove em cada dez pessoas (96%) compartilham dessa visão. Em segundo e terceiro lugares, os **indígenas** e os **imigrantes africanos**, respectivamente, com 57% e 38%, são os que mais sofrem. Há também uma maioria expressiva, de 88%, que concorda que essa parcela da população é mais criminalizada do que os brancos.”

Dados da pesquisa Percepções sobre o racismo no Brasil, realizada pelo Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec)



Como vimos, o racismo possui diversas manifestações, sejam elas violentas ou não, conscientes ou inconscientes, ou até mesmo ligadas a desigualdades sociais e de oportunidades.

No Brasil, a negação de direitos básicos, como à educação, para estes grupos desfavorecidos provém de um sistema social racista que existe desde a formação da sociedade brasileira, que teve como influência, principalmente, a colonização europeia em 1500 e a escravidão por meio do tráfico negreiro que iniciou-se em 1550, teve sua abolição em 1888, mas não garantiu direitos ou ferramentas de inclusão para os recém-libertos, que tiveram que lutar muito para serem respeitados, valorizados, reconhecidos e para que possam ocupar com dignidade seu lugar no mundo. Todo esse passado ainda nos deixa marcas que afetam os descendentes destes grupos até os dias atuais:

"A avaliação de que pessoas pretas são as que mais sofrem com o racismo é quase unanimidade entre os brasileiros, já que nove em cada dez pessoas (96%) compartilham dessa visão. Em segundo e terceiro lugares, os indígenas e os imigrantes africanos, respectivamente, com 57% e 38%, são os que mais sofrem. Há também uma maioria expressiva, de 88%, que concorda que essa parcela da população é mais criminalizada do que os brancos."

Esses são alguns dos dados da pesquisa Percepções sobre o racismo no Brasil, realizada pelo Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec), sob encomenda do Instituto de Referência Negra Peregrum e do Projeto Seta (Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista), que coletou a percepção da população brasileira.

Ainda de acordo com o estudo, mais da metade (51%) dos brasileiros declarou já ter presenciado um ato de racismo, e seis em cada dez pessoas (60%) consideram, sem nenhuma ressalva, que o Brasil é um país racista. Outros 21% concordam em parte com essa visão. O estudo tem abrangência nacional e compreendeu 127 municípios das cinco regiões do país. As entrevistas com os participantes foram feitas ao longo do mês de abril de 2023.

O RACISMO É A HERANÇA DA ESCRAVIDÃO E DA COLONIZAÇÃO.

Como antes citada, a escravidão que ocorreu no Brasil foi e é um dos fenômenos que levaram à discriminação racial contra os negros e indígenas. Durante esse período, os negros eram considerados propriedade de outras pessoas e ocupavam a posição social mais baixa. Mesmo após o fim da escravidão, a discriminação racial contra os negros persistiu e não desapareceu completamente.

Fonte: site www.diaadiaeducacao.pr.gov.br



Figura 3.1 - Charge que aborda a falta de representatividade negra na mídia.

O racismo foi então a tecnologia social utilizada para que os grupos majoritariamente beneficiados, continuassem a ser a raça dominante (política, econômica e intelectualmente no Brasil) mesmo com a abolição da escravatura e o reconhecimento de outras raças. Vimos que o racismo no Brasil se manifesta de formas variadas, atingindo diferentes grupos sociais. Esses grupos historicamente enfrentam uma desigualdade profunda, que se reflete nas oportunidades de educação, emprego, moradia e em diversas outras áreas, tudo graças a um sistema que persiste em negar direitos fundamentais a pessoas de minorias étnicas.

A exclusão, o preconceito e o racismo afetam diretamente a trajetória acadêmica de estudantes negros e indígenas, que frequentemente são alvo de piadas e brincadeiras racistas, impactando sua autoestima e desempenho acadêmico, proporcionando que esses grupos impactados estejam cada vez menos em espaços de poder.

COMO IDENTIFICAR O RACISMO NA ESCOLA

A violência racial, infelizmente, ainda permeia os espaços educacionais, impactando negativamente o desenvolvimento pessoal, emocional e acadêmico de estudantes pertencentes a minorias étnico-raciais. Essas manifestações, muitas vezes sutis e disfarçadas de piadas, podem se infiltrar também no ambiente escolar, pois acontece no corredor, na biblioteca, na área de vivência, nas salas de aula, entre outros



Nesse contexto escolar, essa violência assume várias formas e, muitas vezes, é invisibilizada ou confundida com outras questões, como bullying. É fundamental que a comunidade escolar — composta por professores, estudantes, gestores e demais profissionais da educação — tenha clareza sobre as manifestações do racismo para que ações efetivas possam ser tomadas em busca de um ambiente educacional mais justo e inclusivo.

O racismo pode se manifestar de diversas maneiras na escola, variando desde comportamentos explícitos de violência até atitudes sutis de preconceito ou exclusão. Uma das manifestações mais visíveis está nos altos índices de evasão escolar entre estudantes negros, indígenas e outras minorias. Isso se dá não apenas pela ausência de políticas inclusivas, mas também pelos impactos emocionais das violências diárias sofridas por esses alunos. A marginalização começa de maneira sutil, com brincadeiras de mau gosto, estereótipos reforçados por piadas e insinuações racistas, passando pela falta de apoio escolar por parte de professores que, inconscientemente, têm expectativas mais baixas para esses alunos, o que compromete o desempenho acadêmico.

Além dos alunos, o racismo e a violência racial também afetam outros membros da comunidade escolar, como professores, servidores e funcionários de diferentes áreas, como limpeza e manutenção. Professores negros e indígenas, por exemplo, podem ser desrespeitados por colegas, alunos ou pais, tendo suas capacidades questionadas ou sendo alvo de piadas racistas que abalam sua autoridade. Em algumas situações, esses profissionais enfrentam preconceitos sutis, como a exclusão de reuniões ou projetos importantes, o que os coloca em desvantagem em relação a outros colegas.

A quantidade de professores negros e indígenas nas escolas costuma ser significativamente menor, refletindo a desigualdade racial presente na sociedade. Essa baixa representatividade é um reflexo do racismo estrutural que afeta as oportunidades de acesso à educação superior e à formação docente para essas populações. A ausência de professores dessas etnias não só dificulta a identificação de alunos com figuras de autoridade que compartilhem suas origens, mas também reduz a presença de perspectivas culturais diversas no currículo escolar e no próprio ambiente educacional.

Como consequência, a falta de professores negros e indígenas pode contribuir para a invisibilização das questões raciais dentro das escolas, uma vez que educadores de outras etnias, em muitos casos, não possuem o mesmo entendimento ou sensibilidade sobre as experiências de racismo vivenciadas por seus alunos. Essa desigualdade reforça a importância de ações afirmativas que promovam a inclusão e a representatividade racial no corpo docente, como uma forma de combater o racismo e valorizar a diversidade nas instituições de ensino.

Funcionários de outras áreas, como a limpeza, também podem ser vítimas de discriminação racial no ambiente escolar. Comentários depreciativos, desvalorização do trabalho realizado e atitudes de superioridade por parte de colegas ou alunos são exemplos de como o racismo se manifesta. Em muitos casos, esses trabalhadores têm suas queixas ignoradas ou minimizadas, o que perpetua um ciclo de desigualdade e exclusão, contribuindo para a continuidade de uma estrutura racista dentro da escola.

Esse tipo de violência, como vimos, pode ser física, psicológica, emocional e também estrutural. Fisicamente, as vítimas podem ser alvos de **agressões** motivadas por suas características étnico-raciais, como a cor da pele ou o cabelo. Psicologicamente, muitos estudantes negros, indígenas ou pertencentes a outras minorias são alvos de **racismo recreativo** — uma forma de racismo disfarçado de humor — que causa danos profundos à autoestima e ao sentimento de pertencimento. Em **situações de exclusão**, esses estudantes frequentemente são "sobrados" nas dinâmicas de grupo ou atividades coletivas, reforçando um estigma de marginalidade ou inadequação.

Além das "brincadeiras de mau gosto", outras formas de violência racial incluem a desumanização, como comparações de pessoas negras a animais, ou insinuações de que certos grupos são naturalmente predispostos à criminalidade. Em casos de furto ou agressão dentro da escola, por exemplo, é comum que alunos negros sejam os primeiros suspeitos, independentemente de qualquer prova concreta. Essa presunção de culpa é um reflexo do racismo estrutural que afeta o cotidiano escolar e perpetua estereótipos racistas, reforçando a ideia de que pessoas negras ou indígenas são mais propensas à delinquência.

Em livros didáticos de história ou literatura, por exemplo, pode haver uma representação desproporcional de personagens ou figuras históricas de etnias dominantes, enquanto minorias são retratadas de maneira estereotipada ou apenas em contextos de submissão ou marginalidade. Um exemplo concreto seria um livro de história que descreve conquistadores europeus como "exploradores valentes" e povos indígenas como "tribos primitivas", reforçando uma narrativa desigual e estigmatizada.

Outro aspecto alarmante é o conceito de racismo institucional. Muitas vezes, as próprias estruturas escolares perpetuam desigualdades raciais. Por exemplo, há uma baixa representatividade de professores e gestores escolares negros, o que contribui para a falta de políticas públicas voltadas à inclusão e ao combate ao racismo. A ausência de figuras de autoridade pertencentes a minorias reforça a invisibilidade dessas questões e dificulta a implementação de estratégias que promovam uma convivência igualitária entre os estudantes.

Casos recentes demonstram que a violência racial no ambiente escolar pode ocorrer de forma direta e devastadora. Um exemplo foi o de uma menina de apenas 8 anos que, vítima de racismo no Rio de Janeiro, se recusou a voltar para a escola após ser insultada por sua cor de pele. Essa violência não apenas destrói o vínculo do aluno com o ambiente escolar, mas também provoca traumas que podem repercutir durante toda a vida adulta.

Estudos revelam que mais da metade dos professores já presenciou situações de racismo em sala de aula. Contudo, nem sempre essas manifestações são abordadas de forma adequada. A falta de preparo de educadores e gestores para lidar com a questão racial reflete o racismo estrutural presente na sociedade brasileira e, consequentemente, nas instituições educacionais. Muitas vezes, as escolas preferem tratar essas situações como incidentes isolados ou de menor importância, minimizando os impactos do racismo nas vidas dos alunos.

I A violência racial é uma questão que **precisa ser encarada de forma consciente** e com medidas práticas de enfrentamento. A conscientização sobre o racismo na escola passa pela educação antirracista, pela inclusão de conteúdos que abordem a história e a cultura de povos negros e indígenas nos currículos escolares, além da capacitação de professores para identificar e intervir em situações de racismo. A criação de espaços de diálogo e escuta para os alunos é outra estratégia crucial, permitindo que eles possam relatar suas experiências e sentir-se acolhidos e protegidos pelo ambiente escolar.

Além disso, é essencial que a escola promova campanhas de sensibilização e conscientização sobre a importância do respeito à diversidade étnico-racial, engajando tanto alunos quanto suas famílias nesse processo. Programas de mediação de conflitos e uma política clara de punição para casos de discriminação racial são fundamentais para garantir que o racismo não seja tolerado no ambiente escolar.





Para que a escola seja um ambiente seguro e inclusivo para todos, é necessário romper com o silêncio que muitas vezes cerca o tema do racismo. Reconhecer que o racismo existe é o primeiro passo para combatê-lo de maneira eficaz.

O QUE FAZER EM UM CASO DE RACISMO?

- **Âmbito Escolar:** é importante comunicar a escola, registrar o ocorrido e acionar os órgãos educacionais responsáveis.
- **Âmbito Legal:** Recomenda-se registrar o incidente fazendo um boletim de ocorrência na polícia e buscar apoio jurídico.
- **No IFRN/CM:** Existem mecanismos de apoio, como a ETEP, que atua como ouvidoria em casos de violência racial. Uma ação significativa proposta no IFCM foi a criação de canais de denúncia acessíveis para estudantes e professores. Um canal anônimo e seguro, para garantir que as vítimas ou testemunhas não sofram represálias. O Observatório NEABI serve para relatos de violência racial, visando permitir que NEABI fique ciente do ocorrido, acompanhe a situação e cobre as providências necessárias a respeito da situação.

CONFIRA NO QR CODE O
CANAL DE DENÚNCIAS



Esta cartilha está chegando ao fim!

Na página seguinte, conheça um pouco sobre quem escreveu esta cartilha:

Hey! que bom que você leu até aqui!

Obrigada!
<3

Olá! Meu nome é Jessica do Nascimento e, no momento em que escrevo esta cartilha (2023), tenho 19 anos e estou concluindo meu último ano como aluna do curso técnico integrado em Informática do IFRN Campus Ceará-Mirim. O IFCM foi minha casa durante os últimos quatro anos, e aqui aprendi lições valiosas que vão muito além da sala de aula. Em 2022, no meu segundo ano no IFRN, em busca de uma bolsa de pesquisa para trabalhar com algo que amo — o conhecimento — descobri uma vaga em um projeto chamado **“Políticas Afirmativas na Comunidade Escolar: Levantamento e análise de dados no IFRN, Campus Ceará-Mirim.”**, realizado pelo **NEABI** (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) do IFCM. Eu nem sabia o que eram políticas afirmativas, muito menos o que era o NEABI, mas, ao entender o que o projeto abordava, fiquei encantada e estudei para o processo seletivo dessa bolsa.

No fim, passei e entrei para o núcleo como alguém que tinha pouca noção sobre questões raciais e pouquíssimo letramento racial, mas com um imenso **desejo de aprender e lutar por uma sociedade mais justa, menos violenta e mais igualitária.**

O NEABI tornou-se meu lugar favorito no campus, onde passei grande parte do meu tempo no IFCM. Sou imensamente grata a todo o núcleo e, especialmente, à professora Fernanda Moura — minha coordenadora, mentora, ajudadora e amiga. Aprendi muito e sei que ainda tenho muito mais a aprender.

Reconhecendo a importância de discutirmos a violência racial na escola e meios para combatê-la, decidi abordar esse tema em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Esta cartilha faz parte desse projeto, que inclui também um canal de denúncias de racismo no IFRN Campus Ceará-Mirim, desenvolvido em colaboração com outros dois alunos, Raul Gabriel e Jessica Maria, que desenvolveram o Observatório para os casos de racismo. Como continuação deste projeto, criei um site para divulgar o NEABI e também construí esta cartilha que você acabou de ler.



Agradecimentos

Agradeço, sobretudo, a **Deus**, que me deu forças e tudo o que foi necessário para que este projeto se concretizasse; a Ele, toda a glória! Sem Ele, eu não estaria aqui. Agradeço aos meus pais, **Mara e João**, que, mesmo sem terem tido acesso ao que eu tive, lutaram com todas as forças para que este ciclo se quebrasse e eu pudesse ser quem sou hoje. Devo tudo a eles.

Obrigada, professora **Fernanda Moura**, por me abrir os olhos, por me acolher e ensinar tanto, por me encorajar a escrever esta cartilha e acompanhar cada passo (e cada momento de crise) desse processo. Obrigada por ter colaborado para que esses anos no IFRN/CM fossem os melhores da minha vida. Levarei seus ensinamentos comigo para sempre.

Agradeço ao professor **Luiz Paulo**, meu orientador de Prática profissional, peça essencial na construção deste projeto e idealização desta cartilha. Alguém que me enxergou para além das salas de aula e das reuniões de orientação, como pessoa, e me fez compreender a importância do equilíbrio. Ele me encorajou quando me senti incapaz e me fez acreditar que tudo isso seria possível.

Agradeço à **Manu**, minha irmã e melhor amiga, que me inspira a ser uma pessoa melhor todos os dias e que me faz querer tornar o mundo melhor para ela e para as futuras gerações. Sou grata a toda minha família, que acredita em mim e se orgulha de cada pequena conquista — **Tia Marília, Vovó, Tio Mazinho e minha prima Eliza**.

Agradeço a **Samuel**, meu companheiro. O ser humano que mais enxugou minhas lágrimas durante este processo, que acredita tanto em mim que me fez acreditar também, que me deu forças e celebrou cada vitória ao meu lado. Obrigada por tudo e tanto, meu amor.

Obrigada a **cada aluno, docente e servidor** que contribuiu para este lindo trabalho, seja com uma foto, uma leitura ou uma divulgação. Que possamos colher os melhores frutos dessa jornada.

Com este projeto, estamos entregando ao IFRN/CM nossa contribuição para que ele continue sendo um ambiente seguro e igualitário. Que ele seja uma casa para muitos alunos vulneráveis, assim como foi para mim. **Que continue abrindo os olhos, acolhendo, guiando e preparando alunos que, como eu, saem cheios de gratidão e desejo de lutar.**

REFERÊNCIAS:

- ARTIGOS E NOTÍCIAS:

AGÊNCIA BRASIL. Mais da metade dos brasileiros presenciou ato de racismo.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

BBC BRASIL.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

ESPORTE ESPN. Relembre todos os casos de racismo de Vinícius Júnior na La Liga.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

JUS BRASIL. Raça versus etnia.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

CARTA CAPITAL. Islamofobia sufoca e aterroriza muçulmanos em todo o mundo.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

- LIVROS:

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Noções de raça, racismo, identidade e etnia. São Paulo: Editora XYZ, 2017.

- FIGURAS:

FIGURA 1.1: QUADRINHOS ÁCIDOS.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

FIGURA 1.2: INSTAGRAM.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

FIGURA 2.1: TIRAS ARMANDINHO.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

FIGURA 2.2: FOLHA DE S. PAULO.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

FIGURA 2.3: Imagem do canva, adaptado.

FIGURA 2.4-2.5: G1. Brancos são maioria em empregos de elite.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.

FIGURA 3.1: ESTUDA.
[Disponível aqui](#) | Acesso em: 23 abr. 2024.